

Maternidade na adolescência: Contributos para uma abordagem desenvolvimental

ISABEL SOARES (*)
INÊS JONGENELEN (**)

Na literatura psicológica a maternidade na adolescência tem sido considerada como uma situação de risco para a mãe e para o filho, tendo sido destacadas, entre outras, as questões de natureza parental.

Em termos gerais, tradicionalmente a investigação empírica sobre a temática centrou-se essencialmente na comparação da interacção mãe-bebé em díades de mães adolescentes e mães adultas e na avaliação do desenvolvimento das mães adolescentes e dos seus filhos.¹

Nesta linha, na investigação sobre a interacção, as mães adolescentes têm sido referidas co-

mo menos sensíveis (Jones, Green, & Krauss, 1980; Osofsky, Hann, & Peebles, 1993; Williams, 1974), menos responsivas (Osofsky et al., 1993; Ragozin, Basham, Crinc, Greenberg, & Robinson, 1982; Roosa, Fitzgerald, & Carlson, 1982) e mais repressivas quando comparadas com as mães adultas (Schilmoeller & Baranowski, 1985). Parecem utilizar mais estratégias educativas do tipo punitivo (DeLissevoy, 1973; Field, 1980; McAnarney, Lawrence, Aten, & Iker, 1984; Barrat & Roach, 1995; Philliber & Graham, 1981; Reis, 1988; Stevens, 1984) e apresentar comportamentos fisicamente mais intrusivos, revelando também um menor conhecimento acerca do desenvolvimento da criança (Epstein, 1979; Field, Widmayer, Stringer, & Ignatoff, 1980; Granger, 1981; Gullo, 1987; Jarrett, 1982; Roosa, 1983; Vukelich & Kliman, 1985). Diferenças entre mães adultas e mães adolescentes ao nível do contacto ocular, das trocas verbais (e.g. Culp, Culp, Osofsky, & Osofsky, 1991; Field, 1980; García-Coll, Hoffman, & Oh, 1986; Helm, Comfort, Bailey, & Simmeonson, 1990; Roosa, Fitzgerald, & Carlson, 1982; Schilmoeller & Baranowski, 1985), do contacto físico e ao nível do sorriso na relação com os seus bebés têm sido também encontradas (Barrat & Roach, 1995; Culp *et al.*, 1991).

(*) Psicóloga. Universidade do Minho, Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Campus de Gualtar, 4700 Braga, e-mail : isoares@iep.uminho.pt

(**) Psicóloga. Universidade do Minho, Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Campus de Gualtar, 4700 Braga, e-mail: ijongenelen@iep.uminho.pt

¹ Há também a considerar uma outra direcção que a investigação empírica acerca da temática tem tomado, embora esse assunto não seja discutido no âmbito deste artigo. Assim, a investigação empírica tem procurado também correlacionar uma série de variáveis contextuais (ex: nível educacional da adolescente) com o comportamento maternal, num esforço de discernir o que pode contribuir para, ou suavizar, alguns dos problemas com que as mães adolescentes e os seus filhos se deparam (Raelf, 1994).

Contudo, as razões para uma competência e realização parental de qualidade inferior não são ainda totalmente claras. Tem sido sugerido que as mães adolescentes tendem a experienciar mais stress, o que afectaria adversamente o seu desempenho parental, resultando daí um comportamento parental inadequado (Brooks-Gunn & Furstenberg, 1986; Brown, Adams, & Kellan, 1981; McLaughlin & Micklin, 1983; Roosa *et al.*, 1982). As dificuldades em lidar com os desafios da maternidade ao mesmo tempo que se confrontam com os desafios do seu próprio desenvolvimento como adolescentes, também têm sido consideradas (Elder & Rockwell, 1976; Russell, 1980).

Como é que tal comportamento materno está relacionado com a progressão desenvolvimental dos filhos é uma questão que permanece em aberto. No entanto, em comparação com os filhos de mães adultas, os filhos das adolescentes apresentam níveis inferiores ao nível do sorriso e das vocalizações dirigidas à mãe na primeira infância (Barratt & Roach, 1995), parecem apresentar realizações inferiores em avaliações do desenvolvimento cognitivo, maior incidência de problemáticas escolares (Baldwin & Cain, 1980; Card & Wise, 1978; Furstenberg, Brooks-Gunn, & Morgan, 1987; Elster, McArarney, & Lamb, 1983) e na pré-escola parecem ser crianças mais agressivas e menos capazes de auto-controlo (Brooman, 1981; Leedbeater & Bishop, 1994; Wadsworth, Taylor, Osborn, & Butler, 1984).

Embora esta caracterização, genericamente traçada sobressaia na literatura relativa à maternidade na adolescência, numa análise mais detalhada, este quadro começa a ficar mais nebuloso e confuso.

Uma das razões para esta panorâmica mais nebulosa acerca da maternidade na adolescência, diz respeito ao facto de os resultados obtidos nas investigações empíricas nem sempre serem consistentes. Efectivamente, em alguns estudos comparativos entre mães adultas e mães adolescentes, nos quais se procedeu à avaliação de distintas dimensões, não foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos.

Neste âmbito, em relação à interacção mãe-bebé, Culp, Appenbaum, Osofsky e Levy (1988) não encontraram diferenças significativas entre mães adolescentes e adultas ao nível do contacto

ocular e ao nível de atenção proporcionada ao bebé, encontrando mesmo diferenças significativas, que favoreciam o grupo das mães adolescentes numa medida de estimulação táctil. Similarmente, não foram também encontradas diferenças significativas entre os dois grupos no que diz respeito à responsividade emocional e verbal da mães em relação aos seus filhos em idade pré-escolar (Darabi, Graham, Namerow, Philliber, & Varga, 1984). Landy, Montgomery, Schubert, Cleland e Clark (1983) consideram mesmo que as mães adolescentes exprimem mais afecto para com os seus filhos do que as mães adultas. Numa revisão da investigação empírica sobre interacção mãe-bebé, Brooks-Gunn e Furstenberg (1986) defendem que, com uma possível excepção ao nível da vocalização da mãe para com o bebé, não existem diferenças significativas entre mães adolescentes e adultas ao nível da tarefa parental.

Estudos centrados na comparação do desenvolvimento de mães adolescentes e adultas não revelaram também diferenças significativas entre estes dois grupos, nomeadamente em relação ao ajustamento psicossocial à gravidez e maternidade (Schellenbach, Whitman, & Borkowski, 1992), aos níveis de ansiedade e auto-controlo da mãe (Pond & Kemp, 1992) e à adaptação da mãe ao recém-nascido (Kemp, Sibley, & Pond, 1990).

Em investigações empíricas centradas na comparação do desenvolvimento dos filhos de mães adolescentes e adultas não se encontraram diferenças entre os dois grupos ao nível da prematuridade e baixo peso do bebé à nascença (Rothenberg & Varga, 1981; Zuckerman, Hingson, Alpert, Dooling, Kayne, Morelock, & Oppenheimer, 1983) e em relação ao desenvolvimento do recém-nascido (Lester, Garcia-Coll, & Sepkoski, 1983). Similarmente, num estudo conduzido em Portugal por Gomes-Pedro e cols. (1986) não foram evidenciadas diferenças significativas entre bebés de mães adolescentes e de mães adultas, ao nível de um conjunto relevante de características comportamentais (Gomes-Pedro, Lacerda, Lobo-Fernandes, Gouveia, & Oliveira e Silva, 1986). Bernardi, Schawartzmen, Canetti e Cerutti (1992) ao analisarem as características psicossociais de mães adolescentes e adultas, vivendo em situações de pobreza, não encontraram diferenças significativas entre os dois grupos, no que diz respeito às características

desenvolvimentais dos seus filhos em idade pré-escolar.

Em síntese, a revisão da investigação empírica faz emergir um quadro inconsistente, ora revelador de diferenças com vantagens para as mães adultas, ora revelador da inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos.

Face a esta inconsistência verificada na investigação Schellenbach, Withman e Barkowski (1992) sublinham que «os investigadores têm vindo a assumir frequentemente implícita e explicitamente que os factores que colocam as mães adultas em risco de uma actividade parental inadequada são os mesmos que colocam as mães adolescentes em risco, apesar da crescente evidência de que as mães adolescentes e adultas possuem características desenvolvimentais particulares» (p. 94).

Esta inconsistência resulta, também, do facto de muitas pesquisas evidenciarem problemas metodológicos, que impõem limitações à interpretação dos resultados. Nos estudos de comparação entre mães adolescentes e adultas, verifica-se, por exemplo, um elevado número de amostras de mães adolescentes vivendo em situações socio-económicas desfavorecidas ou de pobreza, não se controlando assim variáveis como o nível socio-económico, na composição das amostras. Surge, deste modo, a questão da idade materna poder ser confundida com outras variáveis que podem influenciar os resultados empíricos (e.g. Carlson, 1990; Hoffman, 1987; McLanahan & Booth, 1989). Determinados autores advogam mesmo que, as diferenças entre mães adolescentes e adultas, relativamente ao comportamento maternal e ao ambiente proporcionado à criança, desaparecem quando na composição das amostras o nível socio-económico e educacional da mãe é controlado (e.g. Garcia-Coll, Hoffman, Van Houten, & Oh, 1987).²

É de salientar também, que o foco nas dife-

renças entre mães adolescentes e adultas tendeu, por sua vez, a obscurecer a variabilidade existente no seio do grupo das mães adolescentes, a qual só mais recentemente foi alvo de interesse dos investigadores (e.g., Furstenberg, Brooks-Gunn, & Chase-Landale, 1989; Roosa & Vaughn, 1984), como passaremos a analisar em seguida.

Num estudo realizado por Samuels, Stockdale e Crase (1994) com mães adolescentes onde se analisou o ajustamento da adolescente à maternidade, encontraram-se diferenças significativas no seio do grupo, salientando-se que as adolescentes com uma auto-estima mais elevada revelavam um melhor ajustamento à maternidade. Similarmente, Unger e Wandersman (1985) referem que as mães adolescentes com uma auto-estima elevada tendem a proporcionar cuidados relativamente apoiantes aos seus bebés. De Anda, Darroch, Davidson e Gilly (1992) encontraram, também, diferenças ao nível do stress vivenciado durante a gravidez e maternidade e das estratégias de confronto («coping») utilizadas pelas adolescentes.

Na investigação empírica intra-grupo têm sido também encontradas diferenças ao nível da interação mãe-bebé.

Num estudo sobre as relações entre a representação da vinculação de adolescentes grávidas, sensibilidade materna e qualidade da relação de vinculação mãe-filho, avaliadas ao longo do 1.º ano de vida, verificou-se que as mães que apresentavam uma representação de vinculação segura no período pré-natal, revelavam níveis mais elevados de sensibilidade materna aos três e nove meses de vida dos bebés, do que as mães que tinham uma vinculação insegura (Ward & Carlson, 1995). Além disso, as mães adolescentes que têm maior conhecimento acerca do desenvolvimento da criança e da sua própria influência no desenvolvimento desta, são mais sensíveis e responsivas para com os seus filhos (Crockenberg, 1987; LeResche, Strobino, Parkes, Fischer, & Smeriglio, 1983; Luster & Rhodes, 1989; Reis & Herz, 1987; Ward, Plunkett, Galanto-

² Um outro problema metodológico referido por alguns autores resulta de uma limitação, verificada na maior parte da investigação empírica, ao centrar-se em idades precoces das crianças, filhos de mães adolescentes, não indo além desse período. A esse propósito, Furstenberg, Brooks-Gunn e Chase-Lansdale (1989) consideram que apesar das mães adolescentes experien-

ciarem desvantagens em termos escolares e de bem-estar económico, essas diferenças tendem a esbater-se ao longo do tempo, pelo menos em amostras com populações de raça negra.

wicz, DeMuralt, Olthoff, Weisman, & Kessler, 1988).

Stoiber e Houghton (1993) verificaram que as mães adolescentes que relatavam expectativas mais positivas e realistas acerca da maternidade, da criança e da interação mãe-filho, tinham filhos com comportamentos mais adaptativos e com mais competências de confronto («coping»), do que as mães adolescentes com expectativas mais irrealistas.

Na revisão breve da investigação que acabamos de apresentar, para além de se evidenciarem diferenças entre as mães adultas e as mães adolescentes, tal como já discutimos, também se evidencia que as mães adolescentes não são um grupo uniforme, mas constituem um grupo variado e multiforme, no seio do qual se encontram mães e crianças capazes de respostas adaptadas e de percursos desenvolvimentais bem sucedidos.

A perspectiva desenvolvimental poderá constituir uma pista para compreender a variabilidade dentro do próprio grupo das mães adolescentes.

A gravidez e a maternidade na adolescência são acontecimentos de vida não-normativos, que vão obrigar a uma reorganização pessoal e relacional que garanta novos modos de expressão e de realização, adequados à nova situação. Trata-se de uma transição desenvolvimental, na medida em que estes acontecimentos de vida põem em questão o sistema pessoal ao nível estrutural, funcional e emocional, exigindo mudanças e impondo, deste modo, novas tarefas de desenvolvimento. Neste sentido, a gravidez e a maternidade na adolescência podem ser perspectivadas como um desafio novo expresso no desencontro entre o *timing* do nascimento do primeiro filho e as tarefas desenvolvimentais normativas, constituindo, deste modo, um exemplo de uma transição de papéis acelerada (Raeff, 1994).

Esta questão, poderá ser clarificada se a projectarmos no quadro mais amplo das concepções mais recentes do desenvolvimento na adolescência, que enfatizam a existência de múltiplos perfis e percursos de desenvolvimento (cf. perspectiva organizacional assumida por autores como Cichetti, 1993; Sroufe, 1989). A compreensão actual do processo de desenvolvimento na adolescência vai no sentido não de uma visão monolítica, mas sim pluralista e multidimensional, na qual uma variação ampla de competências, atitudes, relações e percursos é considerada

relevante para conceptualizar o desenvolvimento adolescente. Neste sentido, esta variabilidade intra-grupo revelada na investigação empírica poderá reflectir as variações inerentes ao próprio percurso desenvolvimental da adolescência.

Como contraponto a uma possível visão reductionista dos resultados das investigações de natureza descritiva e correlacional, têm surgido outras perspectivas de conceptualização do fenómeno da maternidade adolescente na esteira das concepções interaccionistas e ecológicas do desenvolvimento humano, que privilegiam não apenas os processos de influência mútua entre a figura parental e a criança, mas, também as transações entre pais, filhos e os seus ambientes (Bronfenbrenner, 1979; Sameroff & Chandler, 1975; Sameroff & Fiese, 1990).

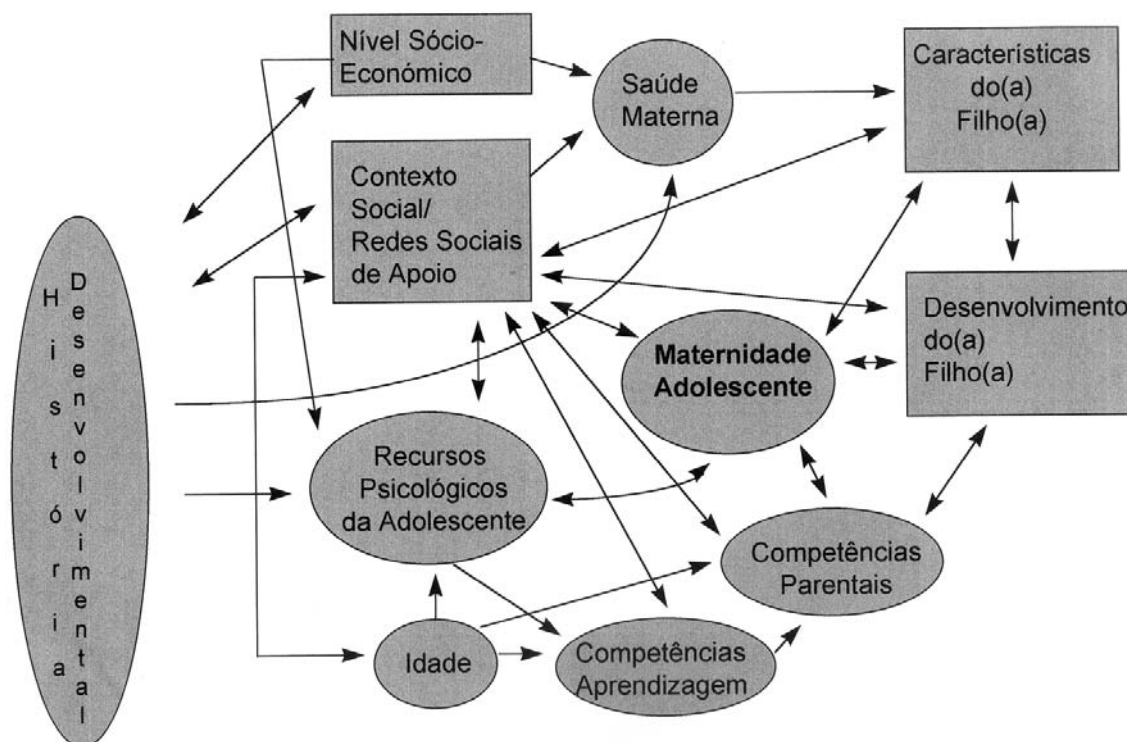
Entre outras vantagens, esta perspectiva, ao acentuar as influências multifactoriais da maternidade evita o risco de hipersimplificação do fenómeno e de interpretações inadequadas dos resultados das investigações. Além disso, esta perspectiva permite prevenir o risco de se conceber a mãe adolescente como «culpada» ou «agente patogénico» do desenvolvimento do seu filho, ainda que, teoricamente, se reconheça que ela é também vítima de uma situação problemática.

Inserido nestas perspectivas mais actuais e integradoras de conceptualização da maternidade adolescente, consideramos que o modelo de maternidade adolescente desenvolvido por Schellenbach, Whitman e Barkowski (1992), a partir da perspectiva sobre a maternidade proposta por Belsky (1984), é de extrema relevância, na medida em que é construído com base nas interrelações significativas encontradas entre algumas das variáveis que têm vindo a ser examinadas.

Neste modelo conceptual-empírico, a qualidade da maternidade adolescente é encarada como o produto de múltiplas forças que operam, de modo particular, entre a adolescente, o seu filho e o seu ambiente social.

A Figura 1 apresenta uma versão adaptada, deste modelo sobre as interações entre as características da mãe, do filho e do contexto social. De acordo com este esquema, as características da mãe são consideradas como interagindo com as características da criança e com o contexto social na qual a relação mãe-criança se encontra

FIGURA 1
Modelo de Maternidade Adolescente adaptado de Schellenbach, Whitman & Borkowski (1992)



tra inserida, de forma a influenciarem a maternidade e o desenvolvimento subsequente da criança.

Esta concepção multidimensional, ao acentuar as transacções possíveis entre os vários elementos em jogo, permite também encarar a possibilidade de que a vulnerabilidade num dos elementos (mãe ou filho) possa ser atenuada pelas potencialidades de outros elementos, ocorrendo deste modo um efeito protector (Belsky, 1984; Schellenbach et al., 1992).

Em termos éticos, esta perspectiva é menos capaz de «culpar» qualquer dos elementos envolvidos pelas possíveis adversidades vividas pelas mães adolescentes e seus filhos. Além disso, ao especificar que os efeitos nos filhos não são todos mediados pela maternidade adolescente, mas também incluem influências directas do ambiente social mais vasto, tal perspectiva possibilita a promoção de acções relevantes do pon-

to de vista socio-político e estimula a imaginação dos profissionais no sentido de desenvolverem esforços, através de pesquisas e de programas de intervenção, dirigidos a estas múltiplas influências.

Como ilustração da complexidade destas inter-relações e a propósito desse efeito protector dos riscos associados à maternidade na adolescência, passaremos a analisar mais detalhadamente o papel do contexto social ao nível das redes sociais de apoio.

Do conjunto de variáveis de contexto susceptíveis de terem uma acção protectora dos riscos associados à maternidade na adolescência, o apoio social pode ser considerado como uma das variáveis, que actualmente tem suscitado mais interesse nos investigadores (Garbarino, 1982).

Em geral, há evidência empírica para a relação entre a adequação do apoio social, a supera-

ção das crises de desenvolvimento e a atenuação dos efeitos de stress, incluindo aqui o nascimento de um filho. Assume-se que as redes de apoio social fornecem um efeito amortecedor do stress normalmente associado à maternidade, e do stress adicional de uma maternidade na adolescência (Voigh, Hans & Bernstein, 1996). Como salientam Shapiro e Mangelsdorf (1994) é necessário ter presente que a ecologia social da maternidade adolescente é diferente da maternidade na idade adulta e, como tal, os padrões de influência entre o apoio social e a competência parental podem ser distintos.

Na gravidez e maternidade na adolescência, o sistema de apoio social é de importância primordial, quer pela sua influência directa ou indirecta no desempenho do papel parental. Assim, o apoio social parece facilitar a adaptação da adolescente à gravidez (Barrera, 1981; Barth, Schinke, & Maxwell, 1983; Unger & Wanderman, 1985), diminuir a ansiedade associada às tarefas parentais (Barrera, 1981; Richardson, Barbour, & Bubenizer, 1991; Unger & Wanderman, 1985) e estar associado a uma maior responsividade, sensibilidade e expressão de afecto da adolescente ao seu filho (Barrera, 1981; Colleta, 1981; Crockenberg, 1987).

Uma variedade de formas e fontes de apoio social têm sido identificadas, como importantes para as mães adolescentes, incluindo o companheiro ou cônjuge da adolescente, a família de origem, o grupo de pares e membros da comunidade alargada. Crockenberg (1988) num estudo com mães adolescentes, evidenciou que as adolescentes com níveis elevados de apoio emocional e instrumental por parte das suas famílias, respondiam mais contingentemente quando os seus bebés choravam. Por outro lado, Unger e Wanderman (1985) verificaram que quando o apoio instrumental (ex: prestação de cuidados à criança) é fornecido pelo pai ou pela avó da criança, a percepção desse apoio por parte das mães adolescentes, estava significativamente associada com a competência materna no primeiro mês após o parto.

Várias investigações têm salientado a importância do apoio da mãe da adolescente (i. e., da avó). Colleta (1981) verificou que quando as mães adolescentes recebiam apoio das suas próprias mães, eram mais responsivas e afectuosas para com os seus bebés, comparativamente a

mães adolescentes que não usufruíam desse apoio. Num estudo conduzido por Stevens (1984), as adolescentes referiam as suas próprias mães como a sua primeira fonte de apoio social. Nesse âmbito McLoyd (1990) salientou que o apoio proporcionado pela avó, incrementa um comportamento maternal mais sensível na adolescente, na medida em que a avó pode servir simultaneamente como modelo positivo de maternidade e como recurso importante ao nível de informação e conhecimento acerca da prestação de cuidados e educação da criança.

A investigação empírica tem vindo também a sublinhar a importância da qualidade da relação interpessoal da adolescente com o companheiro ou cônjuge. As mães adolescentes que têm uma boa relação com o seu companheiro ou cônjuge, demonstram mais consistência emocional, maior prazer na tarefa parental e uma interacção mais adequada com o bebé (Crockenberg, 1987; Lamb, 1988; Unger & Cooley, 1994; Unger & Wanderman, 1985). Num estudo realizado por Crockenberg (1987) as mães adolescentes com bom apoio por parte do companheiro eram significativamente menos rejeitantes e punitivas nas suas práticas educativas, do que aquelas que não tinham apoio. Unger e Wanderman (1985) salientaram que o apoio fornecido pelo pai do bebé, avaliado aos 8 meses do pós-parto estava relacionado com um comportamento maternal mais positivo.

Não obstante o reconhecimento do papel positivo do apoio social há, no entanto, indicadores claros que essa influência não é linear. Por um lado, as mães adolescentes não são apenas receptoras, mas também agentes activas na obtenção desse apoios. A esse propósito, Shapiro e Mangelsdorf (1994) analisam resultados de alguns estudos onde esta questão emergiu (e.g. Crockenberg, 1987; Nath, Borkowski, Whithman, & Schellenbach, 1991; Kissman & Shapiro, 1990) e sugerem que embora seja importante para o bem-estar das mães adolescentes, o apoio social pode (dependendo do tipo e do grau) interferir com a identificação da adolescente ao papel maternal e com o sentimento de eficácia maternal. Por outro lado, a investigação tem vindo também a reforçar a ideia de que os efeitos do apoio social na maternidade adolescente não são sempre os mesmos ao longo do tempo e, além disso, o tipo e a fonte de apoio

social que são valorizadas pelas mães adolescentes podem também variar com o decurso do tempo (e.g., Crockenberg, 1988; Luster & Mittelstaedt, 1993). Destes aspectos salientados decorrem diversas questões que interessa analisar.

Uma das questões que se levanta é o facto de as fontes de apoio social poderem variar dependendo da idade da adolescente (Khan & Antonucci, 1980). O apoio social em adolescentes mais novas pode ser diferente do apoio social das mais velhas ou das mães adultas. Por exemplo, num estudo realizado por Kneisel (1987), as adolescentes mais velhas (16-18 anos) recorriam mais aos seus pares como fonte de apoio do que as adolescentes mais novas (12-13 anos).

Por outro lado, quando se analisa o efeito das redes de apoio social na mãe e na criança, é necessário considerar que esses efeitos podem variar, dependendo de como vive a adolescente, se vive sozinha, com o companheiro ou cônjuge, ou com a família. Os apoios primários ao nível dos cuidados parentais que as mães adolescentes recebem são frequentemente fornecidos pelas suas famílias de origem, especialmente das suas próprias mães, mais do que pelos seus cônjuges ou companheiros, mesmo quando vivem com estes (Lamb, 1988; Speiker & Bensley, 1994). Contudo, quando vivem com a família de origem, as adolescentes podem usufruir de apoio material por parte desta, mas, muitas vezes, à custa de consideráveis conflitos (Barrera, 1981). Contudo, como salientaram recentemente Voigh e cols. (1996), os elementos da rede social da adolescente parecem ser não apenas fonte de apoio social, mas também fonte de stress. Os autores referem que uma rede de apoio social alargada pode ser benéfica na maternidade adolescente, apenas se os membros da rede que fornecem apoio não forem simultaneamente fontes de conflito, uma vez que quando o apoio é proporcionado por alguém que é também fonte de conflito, a combinação de apoio e conflito poderá implicar um pior ajustamento materno por parte da adolescente. Unger e Wandersman (1985) salientam que embora as mães adolescentes possam beneficiar do apoio prestado por elementos mais velhos da família, sobretudo ao nível das suas competências parentais, este apoio pode ser percebido como intrusivo. Deste modo, apoio bem intencionado e até adequado por parte da

avó materna pode ser percebido pela adolescente como uma interferência (Colleta, 1981; Panzarine, 1986).

Por fim, os efeitos do apoio positivo da família parecem diminuir com o tempo. Por exemplo, num estudo de Unger e Wandersman (1985), verificou-se que o apoio familiar estava associado com a menor ansiedade da mãe no 1.º mês de vida do bebé, mas que aos 8 meses essa relação já não existia. Outras pesquisas têm encontrado uma progressiva diminuição da responsividade materna e um aumento de irritação e problemas de comportamento das crianças associados ao apoio familiar, principalmente ao apoio da avó materna (Crockenberg, 1987; Unger & Cooley, 1992). Daí que alguns autores tenham sugerido que um acentuado apoio da avó, para além dos primeiros meses de vida do bebé, pode tornar difícil à mãe adolescente e à avó renegociarem as responsabilidades familiares, podendo também conduzir à diminuição dos esforços da mãe em alcançar a sua autonomia e a independência económica (Unger & Cooley, 1992). No entanto, a direcção destes efeitos parece não ser totalmente clara, uma vez que também se poderá considerar que as mães menos competentes, estimulam um maior envolvimento continuado por parte das avós e, eventualmente, os efeitos na criança poderiam até ser piores sem esse envolvimento (Speiker & Bensley, 1994).

Esta questão do apoio proporcionado pela avó não é independente do facto de a adolescente viver em casa da sua família de origem, ou viver separadamente com o seu companheiro. Nesta linha, Speiker e Bensley (1994) levantam algumas questões relevantes. Os autores consideram que viver separada da avó (em casa própria), ao mesmo tempo que recebe dela um nível adequado de apoio, poderá diminuir o conflito de papéis e incentivar a mãe adolescente a desenvolver competências parentais. Deste modo, sair do lar familiar poderá ser considerado um ritual de passagem e uma oportunidade para negociar as tarefas da idade adulta. Em contraste com os resultados de duas investigações levadas a cabo por Benn e Slatz (1989) e Frodi, Keller, Foye, Liptak, Bridges, Groenick, Berko, Mc Anarney e Lawrence (1984) que tinham revelado que a situação da adolescente ao viver com a sua própria mãe, onde esta assumia uma parte substancial do papel parental, era protector para a criança, no

sentido em que esta poderia ser mais capaz de estabelecer uma vinculação segura com a sua mãe, no estudo de Spieker e Bensley (1994) esse efeito não foi encontrado. De facto, os resultados do seu estudo sugerem que o que é protector para a vinculação do bebé à mãe, é a existência simultânea do apoio da avó e da vivência separada da mãe, do companheiro e do filho da família de origem da adolescente. Efectivamente, os resultados evidenciaram que, níveis de apoio social elevado fornecidos pela avó estavam associados com a segurança de vinculação do bebé à sua mãe, apenas quando as adolescentes residiam com os seus companheiros. A ideia que aqui emerge é que uma mãe adolescente que está a viver com o seu companheiro ou cônjuge, e está simultaneamente a receber apoio da sua própria mãe, está a receber validação pelos seus papéis adultos como mãe e como mulher. Segundo Spieker e Bensley (1994), níveis elevados de apoio social instrumental aliviam o stress, encorajam a jovem mãe a desenvolver o seu papel materno e permitem-lhe desenvolver uma relação segura com o seu filho. No entanto, uma outra interpretação é também possível. Podemos considerar que a capacidade da mãe adolescente para ter uma relação positiva com o seu parceiro e uma relação apoiante com a sua mãe poderá reflectir a existência de uma «competência de vinculação» por parte da adolescente ou de recursos pessoais significativos do ponto de vista relacional. Nesta óptica, ter uma relação de vinculação segura com o filho, pode ser visto como uma manifestação desta competência de vinculação, que poderá ser consequência de padrões intergeracionais de segurança de vinculação (Spieker & Bensley, 1994).

Contudo, a permanência da mãe adolescente na sua família de origem após o nascimento do bebé, independentemente da percepção do apoio que recebe da sua mãe, poderá ter vantagens para o seu desenvolvimento, no sentido em que será mais provável que a jovem continue a estudar, aspecto muito reforçado pela investigação empírica (Furstenberg, Brooks-Gunn, & Chase-Lansdale, 1989). Em consequência, a trajectória de vida da adolescente bem como a do seu filho poderá tornar-se mais positiva. Nesta linha, tem sido salientado que viver em casa da família, pode trazer vantagens a longo-prazo, designadamente em termos de obtenção de níveis mais elevados

de escolaridade e, além disso, pode contribuir para a diminuição da probabilidade de relações instáveis e transitórias com o sexo oposto (Furstenberg & Crawford, 1978; Spieker & Bensley, 1994; Unger & Cooley, 1992).

Concluindo, é de referir que, embora a investigação empírica aponte para os efeitos benéficos do sistema de apoio social na maternidade adolescente – embora, não de um modo linear – na opinião de Schellenbach e cols. (1992), uma grelha multidimensional de leitura do fenómeno é imperativa, no sentido de aprofundar a nossa compreensão e conhecimento acerca do impacto das redes sociais de apoio. Mais especificamente, os autores salientam a necessidade de se analisar o impacto das diferentes formas de apoio social (por ex: emocional, instrumental), do modo como este é percebido, das fontes de apoio social (por ex: companheiro, pares, família, comunidade), do *timing* em que apoio social é fornecido (prenatal vs. posnatal) e da sua influência (directa ou indirecta) no percurso idiossincrático da mãe adolescente.

Contudo, como procurámos evidenciar ao longo deste artigo, a interacção mãe-criança é um processo de natureza desenvolvimental e, como tal, sujeito a mudanças e a novas aprendizagens, e, além disso não ocorre isoladamente de outras transacções. Se a questão é complexa, se põe em jogo múltiplos elementos, as respostas não poderão ser lineares, mas têm que contemplar cada um destes elementos em si mesmo e as transacções que estabelecem entre si.

Decorrente desta noção, podem ser destacadas implicações a dois níveis, que é necessário considerar na análise da maternidade na adolescência. Por um lado, esta visão implica a necessidade de direccionarmos o nosso olhar para dentro do grupo das mães adolescentes, e escutarmos o que o(s) seu(s) percursos idiossincráticos nos têm a contar. Por outro lado, implica celebrar esta questão em termos ecológicos, integrando na nossa análise os contextos sociais onde a maternidade adolescente está embebida, com vista a uma compreensão mais aprofundada do fenómeno.

Em síntese a perspectiva desenvolvimental e ecológica parece constituir uma grelha de leitura compreensiva da problemática aqui em causa.

Entre outras vantagens parece também ser útil para se compreender porque é que algumas mães adolescentes e seus filhos são capazes de respostas adaptadas, ou melhor, de percursos desenvolvimentais bem sucedidos. Nesta linha, estamos a desenvolver um estudo sobre gravidez e maternidade na adolescência, onde adoptando uma perspectiva desenvolvimental e ecológica, propomos-nos analisar de um modo articulado variáveis individuais (como a qualidade da representação da vinculação das mães adolescentes, as estratégias de confronto («coping») por elas utilizadas, as suas atitudes face à maternidade, etc.) e variáveis interactivas e de contexto (como a qualidade da interacção mãe-bebé, os acontecimentos de vida, o apoio social, etc.), que a investigação empírica tem considerado relevantes (enquanto factores de risco ou factores protectores) para se compreender as diferentes trajectórias desenvolvimentais das mães adolescentes e dos seus filhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barth, R., Schinke, S., & Maxwell, J. (1983). Psychological correlates of teenage motherhood. *Journal of Youth and Adolescence, 12*, 471-487.
- Barratt, M., & Roach, M. (1995). Early interactive processes: Parenting by adolescent and adult single mothers. *Infant Behavior and Development, 18*, 97-109.
- Barrera, M. (1981). Social support in the adjustment of pregnant adolescents: Assessment issues. In B. H. Gottlieb (Ed.), *Social networks and social support* (pp. 69-96). Beverly Hills: Sage.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*, 83-96.
- Benn, R., & Slatz, E. (1989). *The effect of grandmother support on teen parenting and infant attachment patterns within the family*. Comunicação apresentada no Meeting of the Society for Research in Child Development, Kansas City.
- Bernardi, R., Schwartzman, L., Canetti, A., & Cerutti, A. (1992). Adolescent maternity: A risk factor in poverty situations? *Infant Mental Health Journal, 13* (3), 211-218.
- Brooks-Gunn, J., & Furstenberg, F. (1986). Antecedents and consequences of parenting: The case of adolescent motherhood. In F. Fogel, & G. Melson (Eds.), *Origins of nurturance: Developmental, biological, and cultural perspectives on caregiving* (pp. 233-258). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Brooks-Gunn, J., & Chase-Lansdale, P. (1991). Children having children: Effects on the family system. *Pediatric Annals, 20* (9), 470-481.
- Brooman, S. (1981). Long-term development of children born to teenagers. In K. Scott, T. Field, & E. Roberstson (Eds.), *Teenage parents and their offspring* (pp.195-224). New York: Grune & Stratton.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Buchholz, E., & Gol, B. (1986). More than playing house: A developmental perspective on the strengths in teenage motherhood. *American Journal of Orthopsychiatry, 56* (3), 347-359.
- Burton, L. (1990). Teenage bearing as an alternative life-course strategy in multigenerational black families. *Human Nature, 1* (2), 123-143.
- Card, J., & Wise, L. (1981). Teenage mothers and teenage fathers: The impact of early childbearing on the parents' personal and professional lives. In F. Furstenberg, R. Lincoln, & J. Menken (Eds.), *Teenage sexuality, pregnancy and childbearing* (pp. 211-222). Philadelphia: University of Pennsylvania.
- Carlson, E. (1990). *Individual differences in quality of attachment organization of high risk adolescent mothers*. Unpublished doctoral dissertation, Columbia University.
- Cicchetti, D. (1993). Developmental psychopathology: Reactions, reflections projections. *Developmental Review, 13*, 471-502.
- Colleta, N. (1981). Social support and the risk of maternal rejection by adolescent mothers. *Journal of Psychology, 109*, 191-197.
- Crockenberg, S. (1987). Predictors and correlates of anger toward and punitive control of toddlers by adolescent mothers. *Child Development, 58*, 969-975.
- Crockenberg, S. (1988). Social support and parenting. In H. E. Fitzgerald, B.M. Lester, & M. Yogman (Eds.), *Theory and research in behavioral pediatrics* (pp. 141-174). New York: Plenum.
- Culp, R., Applebaum, M., Osofsky, J., & Levy, J. (1988). Adolescent and older mothers: Comparison between prenatal maternal variables and newborn interaction measures. *Infant Behavior and Development, 11*, 353-362.
- Culp, R., Culp, A. Osofsky, J., & Osofsky, H. (1991). Adolescent and older mothers's interaction patterns with their six-month-old infants. *Journal of Adolescence, 14*, 195-200.
- Darabi, K., Graham, E., Namerow, P., Philliber, S., & Varga, P. (1984). The effect of maternal age on the well-being of children. *Journal of Marriage and the Family, 46*, 933-936.

- DeAnda, D., Darroch, P., Davinson, M., & Gilly, J. (1992). Stress and coping among pregnant adolescents. *Journal of Adolescent Research, 7* (1), 94-109.
- Delissevoy, V. (1973). Child care by adolescent parents. *Children Today, 2*, 22-25.
- Elster, A., McAnarney, E., & Lamb, M. (1983). Parental behavior of adolescent mothers. *Pediatrics, 71*, 494-503.
- Epstein, A. (1979). *Pregnant teenager's knowledge of infant development*. Comunicação apresentada no Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, San Francisco.
- Field, T. (1980). Interactions of preterm and term infants with their lower- and middle-class teenage and adult mothers. In T. Field, S. Goldberg, D. Stern, & A. Sostek (Eds.), *High risk infants and children: Adult and peer interactions*. New York: Academic Press.
- Field, T., Widmayer, S., Stringer, S., & Ignatoff, E. (1980). Teenage, lower-class, black mothers and their preterm infants: An intervention and developmental follow-up. *Child Development, 51*, 426-436.
- Frodi, A., Keller, B., Foye, H., Liptak, G., Bridges, L., Grolnick, W., Berko, J., McAnarney, E., & Lawrence, R. (1984). Determinants of attachment and mastery motivation in infants born to adolescent mothers. *Infant Mental Health Journal, 5*, 15-23.
- Furstenberg, F., & Crawford, A. (1978). Family support: Helping teenage mothers to cope. *Family Planning Perspectives, 10*, 322-333.
- Furstenberg, F., Brooks-Gunn, J., & Morgan, S. (1987). *Adolescent mothers in later life*. New York: Cambridge University Press.
- Furstenberg, F., Brooks-Gunn, J., & Chase-Lansdale, J. (1989). Teenage pregnancy and childbearing. *American Psychologist, 44* (2), 313-320.
- Garbarino, J. (1982). *Children and families in the social environment*. New York: Aldine.
- Garcia Coll, C., Hoffman, J., & Oh, W. (1987). The social ecology and early parenting of caucasian adolescent mothers. *Child Development, 58*, 955-963.
- Gomes-Pedro, J., Lacerda, N., Lobo-Fernandes, M. J., Gouveia, R., & Oliveira e Silva, M. (1986). The behaviour of the newborn infants of adolescent mothers. In J. Gomes-Pedro (Ed.), *Biopsychology of early parent-infant communication: International Symposium* (pp. 99-103). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Granger, C. (1981). *Young adolescents' knowledge of child development*. Unpublished doctoral dissertation, Indiana University.
- Gullo, D. (1987). *A comparative study of adolescent and older mothers' knowledge of infant abilities*. Comunicação apresentada no Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Baltimore MD.
- Helm, J., Comfort, M., Bailey, D., & Simmeonsson, R. (1990). Adolescent and adult mothers of handicapped children: Maternal involvement in play. *Family Relations, 39*, 432-437.
- Hofferth, S. (1987). The children of teen childbearers. In S. L. Hofferth, & C. D. Hayes (Eds.), *Risping the future: Adolescent sexuality, pregnancy, and childbearing*. Washington DC: National Academy Press.
- Jones, F., Green, V., & Krauss, D. (1980). Maternal responsiveness of primiparous mothers during the postpartum period: Age differences. *Pediatrics, 65*, 579-584.
- Kemp, V., Sibley, D., & Pond, E. (1990). A comparison of adolescent and adult mothers on factors affecting maternal role attainment. *Maternal Child Nursing Journal, 19* (1), 579-584.
- Khan, R., & Antonucci, T. (1980). Convoys over the life course: Attachment, roles and social support. In P. B. Baltes & O. Brim (Eds.), *Life-span development and behavior* (pp. 253-286). Boston: Lexington Press.
- Kissman, K., & Shapiro, J. (1990). The composites of social support and self-being among adolescent mothers. *International Journal of Adolescence Youth, 2*, 165-173.
- Kneisel, P. (1987). *Social support preferences of female adolescents in the context of interpersonal stress*. Comunicação apresentada no Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Baltimore.
- Lamb, M. (1988). The ecology of adolescent pregnancy and parenthood. In A. R. Pence (Ed.), *Ecological research with children and their families: From concepts to methodology* (pp. 99-121). New York: Teachers College Press.
- Landy, S., Montgomery, J., Schubert, J., Cleland, J., & Clark, C. (1983). Mother-infant interaction of teenage mothers and the effect of experience in the observational sessions on the development of their infants. *Early Child Development and Care, 10*, 165-186.
- Leadbeater, B., & Bishop, S. (1994). Predictors of behavior problems in preschool children in inner-city Afro-American and Puerto Rican adolescent mothers. *Child Development, 65* (2), 638-648.
- LeResche, L., Strobino, D., Parkes, P., Fischer, P., & Smeriglio, V. (1983). The relationship of observed maternal behavior to questionnaire measures of parenting knowledge, attitudes, and emotional state in adolescent mothers. *Journal of Youth and Adolescence, 12* (1), 19-31.
- Lester, B., Garcia-Coll, C., & Sepkoski, C. (1983). A cross-cultural study of teenage pregnancy and neonatal behavior. In T. Field, & A. Sostek (Eds.), *Infant born at risk: physiological, perceptual, and cognitive processes* (pp. 147-169). New York: Grune & Stratton.

- Luster, T., & Mittelstaedt, M. (1993). Adolescent mothers. In T. Luster, & L. Okagaki (Eds.), *Parenting: An ecological perspective* (pp. 69-99). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Luster, T., & Rhoades, K. (1989). The relation between child rearing beliefs and the home environment in a sample of adolescent mothers. *Family Relations*, 38, 317-322.
- McLanahan, S., & Booth, K. (1989). Mother-only families: Problems, prospects and politics. *Journal of Marriage and the Family*, 51, 557-580.
- McLaughlin, S., & Micklin, M. (1983). The timing of first birth and changes in personal efficacy. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 47-55.
- McLoyd, V. (1990). The impact of economic hardship on black families and children: Psychological distress, parenting, and socioemotional development. *Child Development*, 61, 311-346.
- Nath, P., Borkowski, J., Whitman, T., & Schellenbach, C. (1991). Understanding adolescent parenting: The dimensions and functions of social support. *Family Relations*, 40, 411-419.
- Oppel, W., & Royston, A. (1971). Teen-age births: Some social, psychological, and physical sequelae. *American Journal of Public Health*, 61 (4), 751-756.
- Osofsky, J., Hann, D., & Peebles, C. (1993). Adolescent parenthood: Risks and opportunities for Mothers and Infants. In C. H. Zeanah (Ed.), *Handbook of infant mental health* (pp. 106-119). New York: The Guilford Press.
- Panzarine, S. (1986). Stressors, coping and social supports of adolescent mothers. *Journal of Adolescence Health Care*, 7, 153-161.
- Philliber, S., & Graham, E. (1981). The impact of age of mother on mother-child interaction patterns. *Journal of Marriage and the Family*, 43, 109-115.
- Pond, E., & Kemp, V. (1992). A comparison between adolescent and adult women on prenatal anxiety and self-confidence. *Maternal Child Nursing Journal*, 20 (1), 11-20.
- Raelf, C. (1994). Viewing adolescent mothers on their own terms: Linking self-conceptualization and adolescent motherhood. *Developmental Review*, 14, 215-244.
- Ragozin, A., Basham, R., Crnic, K., Greenberg, M., & Robinson, N. (1982). Effects of maternal age on parenting role. *Developmental Psychology*, 18, 627-634.
- Reis, J. (1988). Child-rearing expectations and developmental knowledge according to maternal age and parity. *Infant Mental Health Journal*, 9 (4), 287-304.
- Reis, J., & Herz, E. (1987). Correlates of adolescent parenting. *Adolescence*, 22 (87), 599-609.
- Richardson, R., Barbour, N., Bubenizer, D. (1991). Bitter-sweets connections: Informal social networks as sources of support and interference for adolescent mothers. *Family Relations*, 40, 430-434.
- Roosa, M. (1983). A comparative study of pregnant teenagers' parenting attitudes and knowledge of sexuality and child development. *Journal of Youth and Adolescence*, 12, 213-223.
- Roosa, M., Fitzgerald, H., & Carlson, N. (1982). Teenage and older mothers and their infants: A descriptive comparison. *Adolescence*, 17, 1-17.
- Rothenberg, P., & Varga, P. (1981). The relationship between age of mother and child health and development. *American Journal of Public Health*, 71, 810-817.
- Russell, C. (1980). Unscheduled parenthood: Transitions to «parent» for the teenager. *Journal of Social Issues*, 336, 45-63.
- Sameroff, A., & Chandler, M. (1975). Reproductive risk and the continuum of caretaking casualty. In F. D. Horowitz, M. Hetherington, S. Scarr-Salapatek, & G. Siegel (Eds.), *Review of child developmental research* (pp. 187-244). Chicago: University of Chicago Press.
- Sameroff, A., & Fiese, B. (1990). Transaction regulation and early intervention. In S. J. Meisels, & J. P. Shonkoff (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (pp. 119-149). Cambridge: Cambridge University Press.
- Samuels, V., Stockdale, D., & Crase, S. (1994). Adolescent mothers' adjustment to parenting. *Journal of Adolescence*, 17 (5), 427-443.
- Schellenbach, C., Whitman, T., & Borkowski, J. (1992). Toward an integrative model of adolescent parenting. *Human Development*, 35, 81-99.
- Schilmoeller, G., & Baranowski, M. (1985). Childrearing of firstborns by adolescent and older mothers. *Adolescence*, 20, 805-822.
- Shapiro, J., & Mangelsdorf, S. (1994). The determinants of parenting competence in adolescent mothers. *Journal of Youth and Adolescence*, 23 (6), 621-641.
- Spieker, S., & Bensley, L. (1994). Roles of living arrangements and grandmother social support in adolescent mothering and infant attachment. *Developmental Psychology*, 30, 102-111.
- Sroufe, A. (1989). Pathways to adaptation and maladaptation: Psychopathology as developmental deviation. In D. Cicchetti (Ed.), *The emergence of a discipline: Rochester Symposium on Developmental Psychopathology* (pp. 13-40). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Stevens, J. (1984). Black grandmothers' and black adolescent mothers' knowledge about parenting. *Development Psychology*, 20, 1017-1025.
- Stevenson, M., & Roach, M. (1988). *Mother-infant communication at 12 month: Adolescence and adult single mothers*. Comunicação apresentada na International Conference on Infant Studies, Washington DC.

- Stoiber, K., & Houghton, T. (1993). The relationship of adolescent mothers expectations, knowledge, and beliefs to their young children's coping behavior. *Infant Mental Health Journal, 14* (1), 61-79.
- Unger, D., & Cooley, M. (1992). Partner and grandmother contact in black and white teen parent families. *Journal of Adolescence Health, 13*, 546-552.
- Unger, D., & Wandersman, L. (1985). Social support and adolescent mothers: Action research contributions to theory and application. *Journal of Social Issues, 41* (1), 29-45.
- Voigh, J., Hans, S., & Bernstein, V. (1996). Support networks of adolescent mothers: Effects on parenting experience and behavior. *Infant Mental Health Journal, 17* (1), 58-73.
- Vukelich, C., & Kliman, D. (1985). Mature and teenage mothers' infant growth expectations and use of child development information sources. *Family Relations, 34*, 189-196.
- Wadsworth, J., Taylor, B., Osborn, A., & Butler, N. (1984). Teenage mothering: Child Development at five years. *Journal of Child Psychology, 25*, 305-313.
- Ward, M., & Carson, E. (1995). Associations among adult attachment representations, maternal sensitivity, and infant-mother attachment in a sample of adolescent mothers. *Child Development, 66* (1), 69-79.
- Ward, M., Plunkett, S., Galantowicz, B., DeMuralt, M., Olthoff, V., Weisman, J., & Kessler, D. (1988). *Adolescent mothers and their infants: Caregiving, infant behavior, and development*. Comunicação apresentada na International Conference on Infant Studies, Washington DC.
- Willams, T. (1974). Childrearing practices of young mothers and their infants: Psychological factors in early attachment and interaction. *American Journal of Orthopsychiatry, 50*, 454-468.
- Zuckerman, B., Hingson, R., Alpert, J., Dooling, E., Kayne, H., Morelock, S., & Oppenheimer, E. (1983). Is adolescent pregnancy a risk factor? *Pediatrics, 71*, 489-493.

RESUMO

As autoras começam por rever a investigação em-

pírica acerca da maternidade na adolescência, especificamente as questões de natureza parental, tradicionalmente centradas na comparação das mães adolescentes e adultas. São analisadas algumas das limitações que emergem deste tipo de investigação, salientando-se a necessidade de focalizar a atenção na variabilidade existente no seio do grupo das mães adolescentes e discutindo-se, em seguida, a inexistência de um quadro conceptual que organize os resultados produzidos pela investigação. Neste âmbito, é apresentado o contributo e as implicações no plano conceptual da abordagem desenvolvimental, para a compreensão desta variabilidade intra-grupo. Em seguida, discute-se a necessidade de perspectivar o fenómeno da maternidade adolescente como um processo de interacção social, apresentando-se para tal uma adaptação do modelo de Schellenbach, Whitman e Borkowski (1992). Por último, discute-se o impacto do apoio social nas suas múltiplas facetas ao nível da maternidade adolescente.

Palavras-chave: Maternidade, adolescência, perspectiva desenvolvimental, apoio social.

ABSTRACT

The authors review the empirical research on adolescent parenting, traditionally focused on the comparison between adolescent and adult mothers. Some limitations of this kind of research are analysed, pointing out the need to focus on the intra-group variability of adolescent mothers and the absence of a conceptual framework integrating the empirical results. Within this framework, the contributions and conceptual implications of the developmental perspective to the understanding of the intra-group variability are presented. Afterwards, the need to conceive adolescent motherhood as a social interaction process is discussed, and an adaptation of the Schellenbach, Whitman and Borkowski (1992) model of adolescent parenting is presented. Finally, the role of social support in adolescent motherhood is analysed in its different aspects.

Key words: Motherhood, adolescence, developmental perspective, social support.